

Resenha

Um manual de auto-ajuda: alguns ensinamentos de como ser professor *hoje* *

MARIA HELENA CAMARA BASTOS**

Recentemente, o mercado editorial tem lançado inúmeras obras com o sugestivo título de “cartas a um jovem...”¹, com a preocupação de orientar os novos profissionais que ingressam no mercado de trabalho. Essas obras são escritas por pessoas de destaque, no cenário nacional ou internacional, de atuação reconhecida no campo em que escrevem. Os autores refletem sobre a realidade da profissão e seus desafios, sobre a identidade profissional, ensinando como desenvolver estratégias para enfrentar o *ethos* do trabalho.

O título “cartas a um jovem...” é tomado de empréstimo da obra de Rainer Maria Rilke (1875-1926) – Cartas a um jovem poeta (1929), em que são publicadas as dez cartas que o escritor trocou com um jovem admirador, entre fevereiro de 1903 e dezembro de 1908. Diferentemente dessa obra, as atuais são um diálogo estabelecido com um suposto leitor, portanto não expressam uma troca epistolar real, mas imaginária.

Na área da educação, encontram-se alguns exemplos. Em 1993, Paulo Freire publica “Professora sim, tia não: cartas a quem ousar ensinar”. Rubem Alves, de forma diferente, na obra “Conversas com quem gosta de ensinar” (1982), também procura ser uma leitura social da profissão docente, contribuindo para a reflexão da realidade e das práticas educativas e escolares.

Essa literatura pode ser caracterizada como de “auto-ajuda profissional”, que estimula a reflexão moral e interior, fortalece o *acreditar em si*, construindo um *eu profissional* adaptado às exigências sociais, para enfrentar com competência e qualidade os desafios e/ou as agruras da profissão. Os “manuais” são sempre escritos em linguagem coloquial, na primeira pessoa do singular, em um diálogo constante com o leitor, com o objetivo de orientar

* Resenha do Livro: “Carta a um jovem professor” de Philippe Meirieu - Tradução da obra publicada em francês “Lettre à un jeune professeur” (Paris: ESF éditeur, 2005).

** Professora Dr. do PPGEd – PUCRS. Pesquisadora do CNPq. E-mail: mhbastos@pucrs.br

Educação

condutas, dar conselhos, prescrever práticas sociais e profissionais, fortalecendo um discurso prescritivo. Para Rüdiger (1996, p.14), “constitui uma mediação entre as pessoas que procuram construir um eu de maneira reflexiva, gerenciar os recursos subjetivos e, desse modo, enfrentar os problemas colocados ao indivíduo pela modernidade”.

O livro de Philippe Meirieu (1949) – *Cartas a um jovem professor* – segue essa tendência. O próprio autor considera que sua contribuição ajudará o *jovem professor* a prover-se de um “kit de sobrevivência” para fazer face aos problemas de disciplina, construindo para si mesmo algumas convicções sobre os perigos da mercantilização da escola e recolhendo, aqui e ali, as informações necessárias para a gestão de sua carreira” (p.12). A epígrafe, retirada da obra de Rilke, é bastante sugestiva de sua intenção: “Você está olhando para fora, e é justamente o que não deveria fazer hoje. Ninguém pode aconselhá-lo, nem ajudá-lo, ninguém. Só existe um meio. Volte para dentro de si”. E Meirieu alerta ao leitor, “não há nada de condenável em procurar sobreviver da melhor maneira possível”(p.12), para tanto, estimula o leitor a voltar-se para si - “você encontrará na própria essência de seu projeto de ensinar as razões para não perder as esperanças nem no seu ofício, nem no mundo” (86). Com esse estímulo, o autor reforça a tendência ao humanismo subjetivista e ao narcisismo moral contemporâneo, como ferramentas possíveis e disponíveis para enfrentar as complexidades da sociedade.

Dois excertos de pesquisas realizadas na França, em 2004, com professores de 1ª a 4ª séries e com professores de 5ª a 8ª séries, defrontam o leitor/professor com a percepção dos seus pares sobre o universo da profissão docente – desvalorização profissional, ofício “por vocação”, busca pelo êxito do aluno, mal-estar profissional, defasagem entre o ideal de transmissão do saber e a realidade, indisciplina, desmotivação, degradação das condições materiais, etc. Essa estratégia permite ao professor perceber que suas angústias e dúvidas profissionais não são somente suas, mas compartilhadas no universo docente.

Na introdução, intitulada “A dimensão oculta”, o autor estabelece o clima de convivência com as preocupações do leitor e de informalidade

Educação

singular com a classe e sozinho diante de si mesmo”. Em síntese, que se “interroga sobre o face a face pedagógico” (p.11).

Diferente de outras obras do gênero, que são escritas seguindo as normas epistolares, o autor elabora sete cartas/lições, textos leves e curtos, com títulos sugestivos, com uma média de oito páginas cada um, com algumas notas explicativas ao final do texto, algumas citações. Ainda há uma conclusão e um apêndice, em que reproduz entrevistas com jovens professores, realizadas pela jornalista da France Inter, Marie-Christine Le Dû, que depõem com “entusiasmo e paixão” sobre a profissão que escolheram exercer, estimulando o leitor. A apresentação gráfica do texto facilita a leitura, há recuos com frases sínteses, que operam como reforço da mensagem do texto e fornecem, em pequenas doses, as reflexões necessárias a serem realizadas.

As cartas/lições têm como título temas que sinalizam as angústias e perguntas que os professores se fazem cotidianamente: “não temos de escolher entre o amor aos alunos e o amor aos saberes; nós ensinamos para que outros vivam a alegria de nossas próprias descobertas; nosso projeto de transmitir não combina com as pressões sociais sobre a Escola; queremos ser eficazes, mas não em quaisquer condições; no cerne do nosso ofício está a exigência; uma preocupação da qual não devemos nos envergonhar é a disciplina em sala de aula; qualquer que seja nosso estudo, quaisquer que sejam nossas disciplinas, somos todos “professores de Escola” – escola como instituição do encontro da alteridade; escola como instituição da busca da verdade; escola com instituição de uma sociedade democrática”.

Na conclusão, com o sugestivo título “Utópicos por vocação”, Philippe Meirieu, busca ainda cativar o leitor/professor, apresentando, em traços gerais, sua trajetória docente ao longo de 35 anos de atividade, assim compartilhando suas idiossincrasias profissionais. A intenção é demonstrar que ser professor é uma luta permanente, pois é uma aposta no futuro, que significa “trabalhar cotidianamente nas aprendizagens” (85). E termina com a sugestiva frase “Os professores não têm futuro. Eles são o futuro. E, sobretudo, você...” (p.86). Com essa sugestiva mensagem, o autor procura catalisar e sintetizar a mediação possível que cada um de nós deve realizar para enfrentar a complexidade do mundo e, especialmente, o mundo do trabalho.

A obra tem como destinatário o professor da França, cuja realidade é diametralmente oposta ao do professor brasileiro. Mas o autor, ao abordar de forma ampla e geral a temática, estende a universalidade dos problemas que afetam a profissão docente, fruto de uma sociedade globalizada e em constante mudança.

Educação

Como toda leitura de *formação*, a obra nos permite refletir e repensar sobre o modo que o docente percebe as situações concretas do seu percurso pessoal e profissional, os dilemas e as opções que tem na sociedade contemporânea. A subjetividade docente é construída com essas inúmeras marcas, que são “transversalizadas pelo desejo imanente a todo ser humano de orientar sua vida por construtores de um devir prazeroso ético/estético/político” (COLLA, 1998). Esse é o nosso convite à leitura...

REFERÊNCIAS

COLLA, Anamaria Lopes. A constituição da subjetividade docente: além de uma lógica dual. Porto Alegre: PPGÉ-PUCRS, 1998. *Tese* (Doutorado em Educação).

MEIRIEU, Philippe. *Carta a um jovem professor*. Porto Alegre: Artmed, 2006. 96 p.

RÜDIGER, Francisco. *Literatura de Auto-ajuda e Individualismo*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.

¹ Cartas a um jovem herdeiro (BERNHOEFT, 2004); Cartas a um jovem chef (SUAUDEAU, 2004); Cartas a um jovem terapeuta (CALLIGARIS, 2004); Cartas a um jovem publicitário (DUAILIBI, 2005); Cartas a um jovem empreendedor (SILVA, 2005); Cartas a um jovem contestador (HITCHENS, 2006); Cartas a um jovem escritor (VARGAS LLOSA, 2006); Cartas a um jovem político (CARDOSO, 2006); Cartas a um jovem administrador (CHIAVENATO, 2006); Cartas a um jovem poeta (RILKE, 2006); Cartas a um jovem psicanalista (PERESTRELO, 1998); Cartas a um jovem escritor e suas respostas (SABINO; ANDRADE, 2003).

² O autor é doutor em Letras e Ciências Humanas, professor de Ciências da Educação na Universidade. Durante muitos anos foi professor primário (instituteur); redator-chefe dos “Cahiers Pédagogiques” (1980-1986); dirigiu o Institut National du recherche Pédagogique (1998-2000); professor e diretor do Institut Universitaire de Formation du Maîtres/IUFM da Academia de Lyon. Atualmente dirige a coleção “Pédagogies”, da ESF éditeur. Tem 33 livros publicados, com inúmeras edições. No Brasil, foram traduzidos “A Pedagogia entre o dizer e o fazer” (2002), “Aprender... sim, mas como?” (1998), “O Cotidiano da Escola e da Sala de Aula” (2005), todos pela editora Artmed; e o “Relatório Meirieu: para a reforma do ensino médio da França”, editado pelo INEp (1999). Sobre o autor, consultar o site <http://www.meirieu.com>